

Lincoln Grillo — MDB; Marcelo Gato — MDB; Octacílio Almeida — MDB; Odemir Furlan — MDB; Otávio Coccato — MDB; Pacheco Chaves — MDB; Pedro Carolo — ARENA; Roberto Carvalho — MDB; Ruy Codo — MDB; Salvador Julianelli — ARENA; Santilli Sobrinho — MDB; Sylvio Venturolli — ARENA; Theodoro Mendes — MDB; Ulysses Guimarães — MDB; Yasunori Kunigo — MDB.

Goias

Adhemar Santillo — MDB; Ary Valadão — ARENA; Elcival Caiado — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Genervino Fonseca — MDB; Helio Levy — ARENA; Hélio Mauro — ARENA; Iturival Nascimento — MDB; Jarmund Nasser — ARENA; José de Assis — ARENA; Juarez Bernardes — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Antonio Carlos — MDB; Benedito Canellas — ARENA; Gastão Müller — ARENA; Nunes Rocha — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA; Valdomiro Gonçalves — ARENA; Vicente Vuolo — ARENA; Walter de Castro — MDB.

Paraná

Adriano Valente — ARENA; Agostinho Rodrigues — ARENA; Alencar Furtado — MDB; Alípio Carvalho — ARENA; Álvaro Dias — MDB; Antônio Annibelli — MDB; Antônio Belinati — MDB; Antônio Ueno — ARENA; Ari Kifuri — ARENA; Braga Ramos — ARENA; Cleverton Teixeira — ARENA; Expedito Zanotti — MDB; Fernando Gama — MDB; Flávio Giovini — ARENA; Gamaliel Galvão — MDB; Gomes do Amaral — MDB; Hermes Macêdo — ARENA; Igo Losso — ARENA; Italo Conti — ARENA; João Vargas — ARENA; Minoru Miyamoto — ARENA; Nelson Maculan — MDB; Norton Macêdo — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Osvaldo Buskei — MDB; Paulo Marques — MDB; Pedro Lauro — MDB; Santos Filho — ARENA; Sebastião Rodrigues Júnior — MDB; Walber Guimarães — MDB.

Santa Catarina

Abel Ávila — ARENA; Adhemar Ghisi — ARENA; Angelino Rosa — ARENA; Aroldo de Carvalho — ARENA; Ernesto de Marco — MDB; Francisco Libardoni — MDB; Henrique Córdova — ARENA; Jaison Barreto — MDB; João Linhares — ARENA; José Thomé — MDB; Laerte Vieira — MDB; Luiz Henrique — MDB; Nereu Guidi — ARENA; Pedro Colin — ARENA; Wilmar Dallanhol — ARENA.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Alexandre Machado — ARENA; Aluizio Paraguassu — MDB; Amaury Müller — MDB; Antônio Bresolin — MDB; Arlindo Kunzler — ARENA; Augusto Trein — ARENA; Carlos Santos — MDB; Célio Marques Fernandes — ARENA; Cid Furtado — ARENA; Eloy Lenzi — MDB; Fernando Gonçalves — ARENA; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Jairo Brum — MDB; João Gilberto — MDB; Jorge Uequet — MDB; José Mandelli — MDB; Lauro Leitão — ARENA; Lauro Rodrigues — MDB; Lidovino Fanton — MDB; Magnus Guimarães — MDB; Nadyr Rossetti — MDB; Nelson Marchezan — ARENA; Norberto Schmidt — ARENA; Nunes Leal — ARENA; Odacir Klein — MDB; Rosa Fiores — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB.

Rorônia

Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Hélio Campos — ARENA.

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — As listas de presença acusam o comparecimento de 63 Srs. Senadores e 359 Srs. Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Passando-se ao período de breves comunicações, concedo a palavra ao nobre Senador Luiz Viana.

O SR. LUIZ VIANA (ARENA—BA) (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas:

Faleceu recentemente, em Lisboa, o Dr. Nuno Simões, antigo Ministro português e um dos melhores amigos que o Brasil teve, na terra onde possui tantos amigos.

Para reverenciar a memória daquele grande amigo do Brasil e dos brasileiros, gostaria fosse incorporado aos nossos Anais o artigo publicado no *Jornal do Brasil* de 5 do corrente, pelo escritor Josué Montello, e que passo a ler:

O ÚLTIMO GENTIL-HOMEM PORTUGUÊS

A morte do Dr. Nuno Simões, ocorrida em Lisboa, na semana passada, foi noticiada, aqui no Rio, em duas linhas de jornal. No entanto, para todos os brasileiros que tiveram a boa fortuna de seu convívio, essas duas linhas sóbrias, ao pé da página, constituíram pretexto para a mais profunda consternação — embora todos nós soubéssemos que a vida, para ele, em sua pátria, nas atuais circunstâncias, era certamente um sacrifício imerecido.

É natural que outras pessoas queiram saber quem foi o Dr. Nuno Simões. A resposta é fácil, e cabe mesmo numa breve linha: o derradeiro gentil-homem de Portugal. Dirci ainda: o último e o mais perfeito.

O poeta José de Almada Negreiros sustentava a tese de que cada ser humano nasce bem ou mal-educado. Não seriam a escola e o convívio social que fariam os homens polidos. Estes já trariam do berço, como um dom da natureza, o bom gosto da polidez.

O Dr. Nuno Simões ilustraria esplendidamente a tese do poeta. Ninguém mais fino, mais gentil e mais cordial, e por uma emanação de sua personalidade — sem qualquer artifício ou premeditação.

A própria figura física do Dr. Nuno Simões — alta, robusta, saudável — ajustava-se ao papel feliz que o destino lhe reservara. No rosto rosado trazia ele — para empregarmos aqui uma expressão que encontrei em Camilo Castelo Branco — umas bochechas contentes. Até no riso era discreto. Mas todo o seu semblante irradiava aquilo que poderíamos definir como a alegria da cordialidade.

Certa vez, chegamos a Lisboa — minha mulher e eu — sem dar aviso a qualquer um dos bons amigos que tínhamos lá. No aeroporto, por isso mesmo, nenhum deles estava à nossa espera. Eu havia escrito diretamente à gerência do hotel, na Avenida Sidónio Pais, para reservar as nossas acomodações. Na portaria, depois das formalidades habituais, recebi a chave do apartamento. E lá em cima, quando lhe abri a porta, dei com uma fina corbelha das mais lindas rosas portuguesas — com um cartão do Dr. Nuno Simões.

Contei o fato a Elmano Cardim. E Cardim, sorrindo:

— Conosco aconteceu a mesma coisa; na cidade do Porto. Ao entrar no quarto do hotel, lá estavam as flores do Nuno Simões. Desci à portaria para tentar esclarecer aquele mistério. E o porteiro me contou que, sempre que um brasileiro reservava aposentos no hotel, ele tinha ordem de dar um aviso ao Dr. Nuno Simões, em Lisboa. De lá mesmo o Dr. Nuno providenciava as flores e o cartão.

E não ficava aí. Se tínhamos um problema, ele prontamente o resolvia — com a ajuda prestimosa de seus amigos

portugueses. Diariamente o telefone soava, à mesma hora, para saber se estávamos sendo bem tratados. Embora ocupadíssimo, o Dr. Nuno Simões punha-se às nossas ordens para tudo. Por fim, como se todas as suas atenções não bastassem, levava-nos a almoçar no Tavares, no centro de Lisboa — para ter o gosto de informar-se sobre o Brasil e os outros amigos brasileiros.

Ao deixarmos Portugal, havia ainda um rito da amizade do Dr. Nuno Simões que nunca deixava de ser rigorosamente cumprido: o das duas garrafas de vinho do Porto, que ele nos trazia à hora do embarque.

De longe, quando ia ficando para trás "a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amável", víamos ainda o Dr. Nuno Simões, alto, forte, rosado, a nos acenar com seu chapéu.

Esse homem ilustre, sócio correspondente da Academia Brasileira, antigo Ministro da velha República portuguesa, jornalista militante, não dava notícia a seus amigos brasileiros, já fazia muitos meses. Adversário do Dr. Oliveira Salazar, fizera-lhe, sempre com elevação, as suas divergências políticas, nas colunas de *A República*, de que era diretor. Ultimamente, como se sabe, o jornal lhe foi arrebatado, quando os gráficos, com a impaciência de suas idéias radicais, passaram a ocupar também a sala da redação.

Disso não se queixou a ninguém o Dr. Nuno Simões. Não podendo concordar nem transigir, preferiu calar-se, do alto de seus 80 anos de altos serviços prestados à cultura portuguesa. Duas vezes pedi notícias suas. E só recentemente as recebi: uma, há 15 dias, quando me enviou, com um cartão, o catálogo da Biblioteca Assis Chateaubriand, por ele criada e mantida em Famíliação; outro, três dias depois de sua morte, recomendando-me um amigo, jovem advogado.

Nos últimos anos, vergado pela enfermidade, que parecia pôr-lhe um fardo invisível sobre as espáduas atléticas, o Dr. Nuno Simões firmava-se na bengala, rijamente, teimosamente, e erguia a cabeça — ainda de bochechas rosadas e olhos felizes. Por mais de uma década, sem perder o bom humor nem deixar de ir ao encontro de seus amigos brasileiros, travou o duro corpo-a-corpo com a doença. E só agora foi vencido, talvez menos por ela do que pelo infortúnio, ao sobrevir-lhe aquela impressão — que certamente seria efêmera — da "pátria para sempre passada" e da "memória quase perdida"; sem que Eça de Queirós encerrou *O Crime do Padre Amaro*.

Lembro Eça de Queirós, e lembro bem, a propósito destas recordações afetuosas do Dr. Nuno Simões.

Há dois anos, fui chamado ao telefone por uma pessoa que eu não conhecia e que desejava visitar-me para me entregar um pequeno volume mandado pelo Dr. Nuno Simões. Imaginei que o velho amigo, sabendo que já fazia algum tempo que eu não ia a Portugal, se havia lembrado de mandar-me as suas habituais garrafas de vinho do Porto.

Não, não eram. Ao abrir o pacote, que senti pesado e compacto, o que dali saiu foi o bronze de Eça de Queirós, por Teixeira Lopes, e que o querido amigo me enviava, com o seu cartão.

Um amigo assim, obra-prima das gentilezas mais requintadas, não se encontra outro na vida, por mais longo que seja o nosso caminho. É exemplar único, com a marca inconfundível da bondade de Deus. O Dr. Nuno Simões conseguira saber, na minha última passagem por Lisboa, que eu andara a procurar pelos antiquários um pequeno busto de Eça de Queirós. Dois anos depois, ainda se lembrava desse meu interesse.

Não fui eu apenas que perdi, com a morte desse lufada exemplar amigo excepcional. Foram todos aqueles que o conheceram. A rigor, o Dr. Nuno Simões não distinguiu os

amigos — tratava-nos à sua maneira. Entre brasileiros e portugueses, queria ser o que realmente foi: o permanente traço de união.

Agora, que a sua vida se concluiu, podemos reconhecer, emocionados, que não foi outra a sua missão neste mundo. E que ele cumpriu de alma radiante, com muita luz nos olhos — a luz que lhe vinha do coração.

Era o que eu tinha a dizer, Sr. Presidente. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE (Magalhães Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Peixoto Filho.

O SR. PEIXOTO FILHO (MDB—RJ) (Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas:

A Associação Comercial e Industrial de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, atendendo à solicitação do seu associado Paulo Lima, vem de encaminhar-me cópia de substancioso expediente firmado por vários industriais do ramo de bebidas do Município de Nova Friburgo, RJ, que foi dirigido ao Ministro da Agricultura e ao Governador do novo Estado do Rio de Janeiro, no qual pleiteiam total reformulação da Lei nº 5.823, de 14 de novembro de 1972, regulamentada pelo Decreto-lei nº 73.267, de 6 de dezembro de 1973.

Sr. Presidente, ao fazer a leitura da documentação recebida, para que conste dos Anais do Congresso Nacional, permito-me ressaltar o importante papel que as indústrias de bebidas representam para a economia fluminense. Como tal, caso não sejam consideradas pelas autoridades competentes as razões dela constantes, os novos encargos fiscais, acrescidos das multas fixadas, promoverão inevitavelmente o fechamento dessas indústrias, levando ao desemprego milhares de trabalhadores.

Por isso, associo-me às justas reivindicações formuladas, perante as autoridades federais e do Estado do Rio, pelos industriais fluminenses do ramo de bebidas.

Eis o expediente recebido:

Nova Friburgo — RJ, 12 de junho de 1975.
PALMAR BEBIDAS E REFRIGERANTES
Sr. Paulo Lima
A.C. e I. de Duque de Caxias.

Refº/ — Registro de Bebidas — Lei nº 5.823

Prezado Colega,

Anexo, estamos remetendo a V. Sª para seu conhecimento, cópia do memorial que endereçamos aos Senhores Ministros e ao Sr. Governador do Estado do Rio de Janeiro, solicitando apoio dos mesmos, no sentido de resolver o problema criado para nós, empresas pequenas ou de médio porte, para atender ao disposto na lei em referência.

Acreditamos ser o problema não somente das indústrias de bebidas de Nova Friburgo, mas também, de outras cidades, e gostaríamos de contar com a adesão de V. Sªs, exercendo sua influência junto a Senadores ou Deputados seus conhecidos, visando finalmente resolver essa situação.

Também, seria interessante que essa indústria fizesse chegar ao conhecimento da Associação Comercial e Industrial dessa cidade, do que realmente está se passando com o nosso ramo de indústria, fazendo com que aquele Órgão também nos ajudasse.

Limitados ao exposto e contando em merecer sua honrosa atenção, firmamo-nos mui,

atenciosamente,

Fábrica de Bebidas Caledônia Ltda.
Luiz Paulo Moreira da Costa
—Sócio Gerente—

Nova Friburgo—RJ.